

A desaparecida Igreja de S. Francisco

Das antigas igrejas construídas no Barreiro, apenas duas não chegaram aos dias de hoje, a Ermida de Santa Bárbara e a Igreja de S. Francisco. Esta última, sobre a qual nos iremos debruçar, localizava-se na entrada Sul do Barreiro, no início da actual rua Dr. Miguel Bombarda, com os números de porta 23 e 25.



Fig. 1 ó A Igreja de S. Francisco em 1957.

A sua existência foi quase sempre caracterizada pelo abandono a que foi votada, estando já em condições de ruína iminente, quando José Augusto Pimenta a descreveu em 1886¹.

¹ PIMENTA, José Augusto, *Memória Histórica e Descritiva da Vila do Barreiro*, 2ª capítulo, Barreiro, 1886.

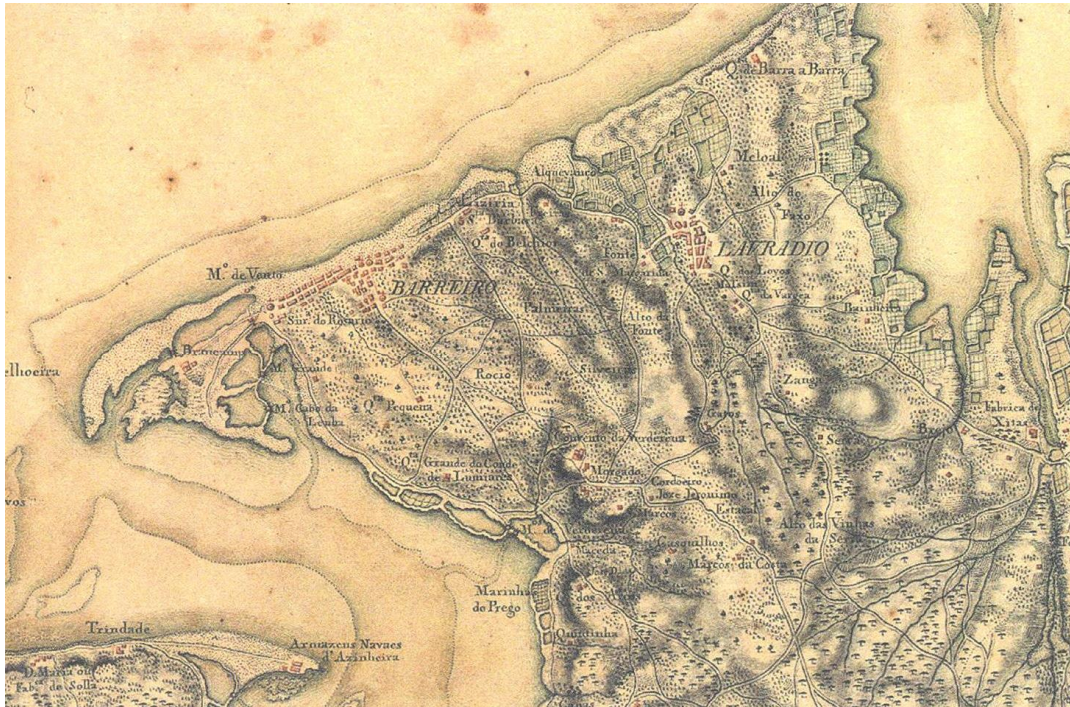


Fig. 2 ó O Barreiro num mapa de 1816. O ponto assinala o local da Igreja de S. Francisco.

O Barreiro do século XVIII, apresentava ao viajante, quer entrasse por Este, Oeste ou Sul, ermidas dedicadas, respectivamente, a Santa Bárbara, S. Roque e S. Sebastião. A primeira foi demolida na década de 30 do século XX, para permitir o crescimento do bairro operário da CUF, estando já nessa altura encerrada ao culto; a segunda, é substituída pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário, pertença da Irmandade dos Escravos de Nossa Senhora do Rosário desde 1736, que no seu perímetro constrói as hospedarias para os peregrinos; e por fim, a última, que terá sido transformada na igreja por volta da década de 70 do século XVIII, como atestava uma inscrição numa chaminé de um edifício adjacente, referida por José Augusto Pimenta.

Encontram-se registos da Ermida de S. Sebastião ó Santo ligado à protecção contra pestes e epidemias - nas õVisitaçõesõ efectuadas pela Ordem de Santiago, efectuadas às igrejas da sua jurisdição, sendo então descritas e inventariados todos os bens existentes nos templos. O registo mais antigo, datado de 1492 descreve a Ermida como tendo sido construída pelos habitantes do Barreiro por devoção ao santo, não apresentando nenhuns ornamentos².

Em 1523, a Ermida de S. Sebastião é descrita da seguinte maneira: «A dita Irmda de Sam Sabastiam estaa junta e ac[h]aram [ser]da dita villa. He huua casa soo pequena as paredes dela sam de pedra e caal cuberta de telha vaam e em ela huum altar

² IAN/TT Ordem de Santiago / Convento de Palmela, M.º 2, doc. 65.

dalvenarja e em cima dele a jimagem de San Sabastiam de vulto e huum retavolo veelho que lhe emprestaram da Igreja. E nom tem ornamentos nem cousa alguua soamente huum frntal de guodemeçill e çera meuda da Confraria de Sam Sabastiam³». O terramoto que poucos anos depois foi sentido por todo o país danificou seriamente a Ermida, pelo que em 1534 o Visitador da Ordem de Santiago registava obras de restauro e ampliação da pequena ermida: «Estava mujto daneficada e despois se reformou por esmolos de mujtas pessoas estaa ora feyta huua capela nella de pedra e call...⁴». Na mesma Visitação eram referidos outros melhoramentos como novas imagens e os seus festejos em honra do seu orago S. Sebastião a 20 de Janeiro.

A Irmandade de S. Pedro, a corporação religiosa dos marítimos do Barreiro, que era uma classe importantíssima na vila, de então - ocupando inclusivamente os cargos de vereação da câmara municipal - estivera instalada na Ermida de S. Roque, mas com a passagem da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário para o local, transferiram-se para a ermida de S. Sebastião, que na altura estava ocupada pelos religiosos da Ordem Terceira Franciscana, referidos no local pelo inquérito pombalino de 1758. A Ordem Terceira de S. Francisco foi a responsável pela alteração do nome da ermida para Igreja de S. Francisco, depois de algumas obras de recuperação do primitivo edifício, bastante danificado pelo terramoto de 1755.

Suplantando rapidamente a Ordem Terceira, a Irmandade procede a grandes modificações e alterações, com a velha ermida quinhentista a ser integrada na nova Igreja, que segundo José Augusto Pimenta, «se limitou ao prolongamento da ermida de S. Sebastião, transformada em capela-mor», assim como, a colocação das armas de S. Pedro sobre o arco de cruzeiro, que suportava o tecto da capela-mor.

Contudo, a Irmandade de S. Pedro nunca utilizou o edifício da Igreja de S. Francisco, sacristia e edifícios anexos, em pleno. Isto deveu-se, em primeiro lugar, ao declínio do poder da classe piscatória no Barreiro ao longo da primeira metade do século XIX, principalmente devido às proibições de pesca com as redes de «Tartamanha» utilizadas na sua arte⁵; e depois por também o número de fiéis e Irmãos ter escasseado, deixando assim de haver verbas para a continuação do culto e beneficiações na Igreja de S. Francisco.

³ Ana de Sousa Leal, *Um Olhar sobre o Barreiro*, n.º1, III série, 1992.

⁴ IAN/TT Ordem de Santiago / Convento de Palmela, L.º 171, fl. 7v.

⁵ Como o demonstra o edital datado de 1802 depositado no Arquivo Municipal do Barreiro.

Em 1878, a Irmandade de S. Pedro estava completamente abandonada, tendo então, o Governador Civil de Lisboa entregue à Junta de Paróquia do Barreiro o edifício e os seus anexos. Contudo e apesar da Junta ser agora a responsável pela conservação da Igreja, aquela acabou por não ter possibilidades de a conservar, acentuando ainda mais o estado de ruína, abrindo a igreja raras vezes ao culto. A única solenidade que ainda se praticava era a procissão do Senhor dos Passos, mantida ainda pela devoção dos últimos pescadores do Barreiro, numa vila já então a despertar para a «Era Industrial». José Augusto Pimenta refere que nessa procissão «nenhum indivíduo desta vila, ou mesmo de fora, com excepção das autoridades, do médico e do farmacêutico do partido marítimo, pode tomar parte nesta solenidade, excepto os que se ocupam exclusivamente da vida do mar e muito especialmente os pescadores; o contrário constituiria para eles grave escândalo.⁶»

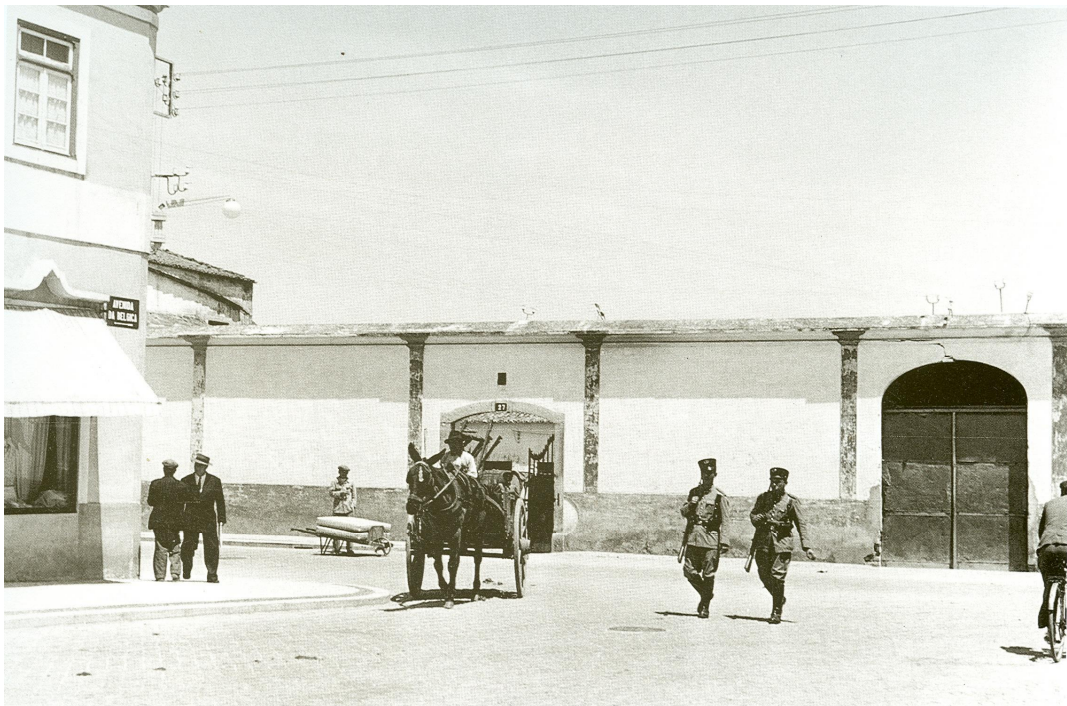


Fig. 3 ó A entrada da Abegoiaria Municipal, antes da demolição deste troço para o prolongamento da Avenida Alfredo da Silva.

Em termos de área, a Igreja de S. Francisco a Norte tivera outrora um pequeno cemitério, na direcção do então cemitério do Barreiro, no actual jardim defronte da sede

⁶ PIMENTA, José Augusto, Ob. Cit.

da S.U.D.B. «os Franceses». A Sul tinha um quintal com um poço para os religiosos. O quintal era servido por um portão que dava para Oeste, mais tarde transformado em entrada da abegoaria municipal (Fig.3). Imediatamente a Sul do corpo da Igreja e anexos a esta, existiam dois edifícios: o primeiro era a sacristia, aonde a Junta de Paróquia de Santa Cruz se reunia; e, logo depois, a chamada «Igreja velha» de acanhadas dimensões com uma pequena porta e janela, aonde para Sul estava a chaminé com a legenda «1770» que José Augusto Pimenta observou em 1886⁷.



Fig. 4 O pátio da Igreja de S. Francisco a funcionar já como Abegoaria Municipal, com os antigos carros de recolha de dejectos debaixo do telheiro. Observam-se as chaminés e parede Sul da sacristia.

No que respeita à toponímia é interessante verificar que a Igreja de S. Francisco denominava toda a zona em redor. A sul a «*Azinhaga de S. Francisco*», mais tarde Travessa das Cordoarias; a oeste, a «*rua de S. Francisco*» (actual Serpa Pinto e rua 5 de Outubro) que tinha início na Praça de Santa Cruz e depois ligava à «*estrada de S. Francisco*» (actual rua Miguel Bombarda), que ia até à Maceda (ou seja, até aos limites da vila, numa área que actualmente corresponde ao início da Avenida dos Fuzileiros Navais). Também a oeste da «*rua de S. Francisco*», e quase paralela a esta, a «*rua*

⁷ Esta chaminé ou chaminés são observadas na fotografia do varredor na Abegoaria Municipal (1952), da autoria de Augusto Cabrita. A fotografia utilizada no livro «*A Outra Margem*» (pág. 139) está cortada na parte superior, observando-se na original as chaminés, mas já com as inscrições desaparecidas.

Direita de S. Francisco» (actual rua José Relvas). Entre estas duas ruas, encontrava-se o «*bairro de S. Francisco*».

Defronte da Igreja, também para Oeste e para Sul, encontrava-se a «*Quinta de S. Francisco*» ó que Augusto Pimenta descreve como uma das mais bonitas do Barreiro ó e onde em 1907, num dos seus extremos Sul, seriam construídos os actuais Paços do Concelho.



Fig. 5 ó Parte superior da fachada principal da Igreja de S. Francisco.

Através da documentação depositada no Arquivo Municipal do Barreiro e na Junta de Freguesia do Barreiro foi possível reconstruir os momentos finais do edifício, assim como a sua lenta agonia.

De facto, com a passagem da Junta de Paróquia do Barreiro, que passou a reunir na sacristia da Igreja (a casa de primeira andar e rés-do-chão observada nas fotografias, imediatamente à direita da Igreja) foram feitas várias tentativas para salvar a integridade do edifício, nomeadamente através do arrendamento de várias parcelas de terreno. A Junta de Paróquia era a fiel depositária de todo o conteúdo da Igreja (desde imagens, a pratas e paramentos) e responsável pela conservação de todos os edifícios da antiga

Igreja, já que a procissão do Senhor dos Passos que partia da Igreja de S. Francisco ainda se realizou durante alguns anos⁸.

A primeira tentativa da Junta de Paróquia para que os edifícios não ficassem vazios e abandonados, tornando-os funcionais a outras actividades que não atentassem com o carácter religioso do edifício, deu-se a 25 de Dezembro de 1886. Nessa data foi autorizada a Adolfo Torcato Guedes e a Augusto César de Vasconcelos a cedência de uma sala para aula do ensino primário para o sexo masculino, para aí estabelecerem um curso nocturno de instrução primária e desenho. Quatro dias depois, a 29 de Dezembro, era cedido à Sociedade Filarmónica Barreirense a casa conhecida por «Igreja Velha» contígua à Igreja de S. Francisco para aí depositarem madeiras e outros materiais para concluírem o seu coreto⁹.

A principal fonte de rendimento era, no entanto, o quintal da Igreja e respectiva casa do guarda, onde desde a segunda metade do século XIX, vivia apenas no seu interior o contínuo ou encarregado da conservação da Igreja e andador da Irmandade, cargo hereditário, exercido por Francisco dos Santos (falecido em 1876)¹⁰, depois por seu filho, José dos Santos, que depois da sua morte em Janeiro de 1890, foi substituído pelo seu filho José Crispim dos Santos¹¹. O quintal que existia dentro dos muros, que delimitavam a sua área era arrendado, revertendo daí a quantia utilizada na conservação do complexo. No entanto, a renda que se obtinha foi sempre insuficiente e muitas vezes empregue noutras obras urgentes (como a conservação da Igreja Matriz de Santa Cruz, que também competia à Junta de Paróquia). Mas também este rendimento teve um fim, quando em 24 de Janeiro de 1893, foi entregue à Câmara Municipal do Barreiro (de acordo com o decreto de 6 de Agosto de 1892), uma casa térrea, com um sótão - a chamada «Igreja Velha», ao lado da sacristia - e o quintal, junto à Igreja de S. Francisco. Em consequência deste decreto a Junta de Paróquia via-se privada de uma das suas principais fontes de rendimento, tendo iniciado então uma prolongada quezília com a edilidade barreirense. A 20 de Junho de 1897, a Junta de Paróquia de Santa Cruz, solicitava ao Governador Civil que devolvesse o quintal da Igreja de S. Francisco à Junta ou que a indemnizasse, devido ao prejuízo que advinha da falta dos rendimentos

⁸ Para compreender a passagem para a Junta de Paróquia daquele espaço, convém perceber que o presidente deste órgão de gestão municipal (semelhante às actuais juntas de freguesia), teve até implantação da República sempre o pároco como presidente. No caso desta paróquia era o reverendo da Igreja Matriz de Santa Cruz, o Padre Quintão, que foi inclusive, presidente da Câmara Municipal do Barreiro no final da monarquia.

⁹ Fonte: Livro de Actas da Junta de Paróquia de Santa Cruz do Barreiro. Junta de Freguesia do Barreiro.

¹⁰ PAIS, Armando da Silva, *O Barreiro Antigo e Moderno*, CMB, 1963, pág. 99.

¹¹ Fonte. Livro de Actas da Junta de Paróquia de Freguesia de Santa Cruz. Junta de Freguesia do Barreiro.

do seu aforamento. A Câmara tinha também construído algumas casas no lado Sul para instalar convenientemente o material da Abegoaria Municipal, que passou a funcionar neste local. Contudo, a 28 de Julho de 1897 a Câmara recusava o pedido da Junta de Paróquia.

A Junta de Paróquia ficou com os rendimentos da Igreja reduzidos ao aforamento do quintal a Norte desta, tendo o último sido efectuado a 10 de Março de 1900, depois da a Junta de paróquia ter obtido autorização para arrendar por 2000 réis a Aurélio Rodrigues, o quintal a norte da Igreja de S. Francisco, na condição de este não destruir «as plantas de luxo, roseiras e espadanas que ali se encontrarem»¹², já que a Câmara Municipal tinha aí um viveiro de plantas e árvores.

As últimas obras de vulto na Igreja de S. Francisco ocorreram em Março de 1903 quando foram caiadas as paredes, pintadas as portas e grades e substituído o cabeçalho da sineta da Igreja.

Por falta de verba, o telhado e soalho, que estavam podres não foram arrançados. Apresentando uma cada vez maior ruína, em resultado de infiltrações de água pelos altares durante anos, e com os rendimentos dos arrendamentos dos quintais a diminuir, a Junta decidiu tomar medidas drásticas: a 6 de Fevereiro de 1905, deliberou pedir autorização para poder vender diferentes objectos de prata pertencentes à extinta ordem Terceira de S. Francisco a cargo da Junta, sendo aplicado o seu produto em concertos dos telhados da Igreja paroquial e anexos, em atenção ao pouco rendimento da Junta para obras. O rol dos objectos para venda era o seguinte:

- 1 Resplendor de prata com o peso de 200 gramas
- 1 dito e anel de prata com o peso de 300 gramas
- 1 dito e disciplina do mesmo metal com o peso de 220 gramas
- 1 dito de S. Francisco com o peso de 200 gramas
- 1 dito com o peso de 200 gramas
- 1 dito e um anel de prata com o peso de 200 gramas
- 1 dito com o peso de 190 gramas¹³

A 30 de Agosto de 1908 deram entrada na tesouraria rendimentos da venda de pratas. Estes valores serviram para proceder a reparos nos telhados da Igreja de S. Francisco, portas e tecto interior da capela de Santa Bárbara, além das paredes

¹² Idem.

¹³ Fonte: Livro de Actas da Junta de Paróquia de Santa Cruz do Barreiro. Junta de Freguesia do Barreiro.

exteriores e telhado da Igreja de Santa Cruz. Foi possivelmente assim que a Igreja do Cadaval obteve um cálice com a seguinte inscrição na base: «foi comprado no anno de 1859, pelos habitantes da villa do Barreiro, para servir na Igreja de S. Francisco»¹⁴.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário desde muito cedo teve especial preocupação pela conservação das imagens e alfaias da Igreja. Logo a 11 de Março de 1888, fora cedida a imagem da Senhora das Dores, para o seu culto ser praticado na Igreja do Rosário.



Fig. 6 ó Vista da Igreja de S. Francisco para Norte em Outubro de 1953, durante a visita da imagem de N.ª S.ª de Fátima ao Barreiro.

Com o arrolamento dos bens religiosos imposto pela jovem República, a Igreja é fechada em 1911. A 7 de Outubro de 1915 as últimas imagens e alfaias que pertenciam à Igreja de S. Francisco passaram para a Igreja de Santa Cruz e mais tarde para a de N.

¹⁴ PAIS, Armando da Silva, *O Barreiro Antigo e Moderno*, CMB, 1963, pág. 100.

S.^a do Rosário, onde ainda hoje se encontram. Todos os terrenos administrados pela Junta de Paróquia em nome da Irmandade de S. Pedro passaram definitivamente para a posse da Câmara Municipal, que instalou no seu interior uma oficina de ferreiro e carpintaria.

Definitivamente encerrada ao culto, a Igreja foi despida de tudo o que a podia identificar como tal, excepto a fachada. São do fotógrafo barreirense Augusto Cabrita, as únicas imagens conhecidas da fachada da Igreja de S. Francisco, em dois momentos da sua existência: o primeiro ainda com os muros e portões da Abegoaria Municipal, que estavam localizados no enfiamento da Avenida Alfredo da Silva; e um segundo, que foi derradeiro na história da Igreja, a sua demolição. Neste período já tinham sido instaladas na encosta da Verderena as novas instalações da Abegoaria, tendo-se num primeiro momento procedido à demolição dos muros e edifícios a Sul da antiga Igreja, para o prolongamento da citada Avenida.

Agora com uma área mais reduzida (553 m²) e já sem telhado, a Igreja e edifícios anexos (números 23 e 25) foram doados ao Patriarcado de Lisboa, para reabertura ao culto católico, numa deliberação camarária datada de 8 de Outubro de 1953. A escritura lavrou-se no dia 1 de Maio de 1954, depois do Ministério do Interior através da Direcção Geral de Administração Política e Civil (2.^a Repartição) ter autorizado a doação¹⁵.

Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones 72

TELEGRAMA

Linha ou mesa n.º _____
 Estação _____
 Entendido da 18/33
 Por _____

Nos telegramas recebidos pelos aparelhos impressores o primeiro número que figura depois da estação expedidora é o número de origem; o segundo indica as palavras e os restantes designam a data e a hora da aceitação.
 A hora mencionada-se por um grupo de quatro algarismos; os dois primeiros indicam as horas e os dois últimos os minutos (0001 a 2400).

Número local	Categoria	Destino	Origem	Número de origem	Palavras	Data	Hora
		Barreiro	Lisboa	14064 32	20	1	17/54

Via e outras indicações de serviço não taxadas

Com renovada homenagem V.^{ta} Excelência Excelentíssima
 Camarã sua distinta Presidência agradeço efusiva-
 mente congratulando-me

Cardeal Patriarca

4 / 3 / 54
 Rematado embarcamento
 4.3.54

Barreiro - b.g. - 2.ª Ser.
de 2-3-754

2.500.000 ex. - Junho 953 - R. D. R.

Fig. 7 ó Telegrama de agradecimento do Cardeal Patriarca de Lisboa, Cerejeira.

Fonte: Arquivo Municipal do Barreiro. Cota: CMB/C/E/02

¹⁵ *Diário do Governo*, n.º 51, II série de 2 de Março de 1954.

Contudo, ao Patriarcado não interessava um novo templo tão próximo de um outro: a matriz de Santa Cruz. Assim, no dia 28 de Junho de 1957, era assinada a escritura de venda dos terrenos e imóveis à «The Anglo-Portuguese Telephone Company, Ltd.», para a instalação no local da Estação Telefónica Automática do Barreiro. A quantia da venda dos terrenos reverteu inteiramente para a construção de uma nova Igreja no Barreiro, a nova Igreja de Santa Maria, numa área que estava a ter um grande desenvolvimento urbano e perto do então, novo Hospital do Barreiro.

Dois meses depois da assinatura deste documento, Augusto Cabrita fixou em película fotográfica os últimos momentos da antiga Igreja de S. Francisco (Fig. 8,9 e 10).



Fig. 8 ó Sequência fotográfica da demolição do interior da Igreja de S. Francisco em 1957.



Fig. 9.

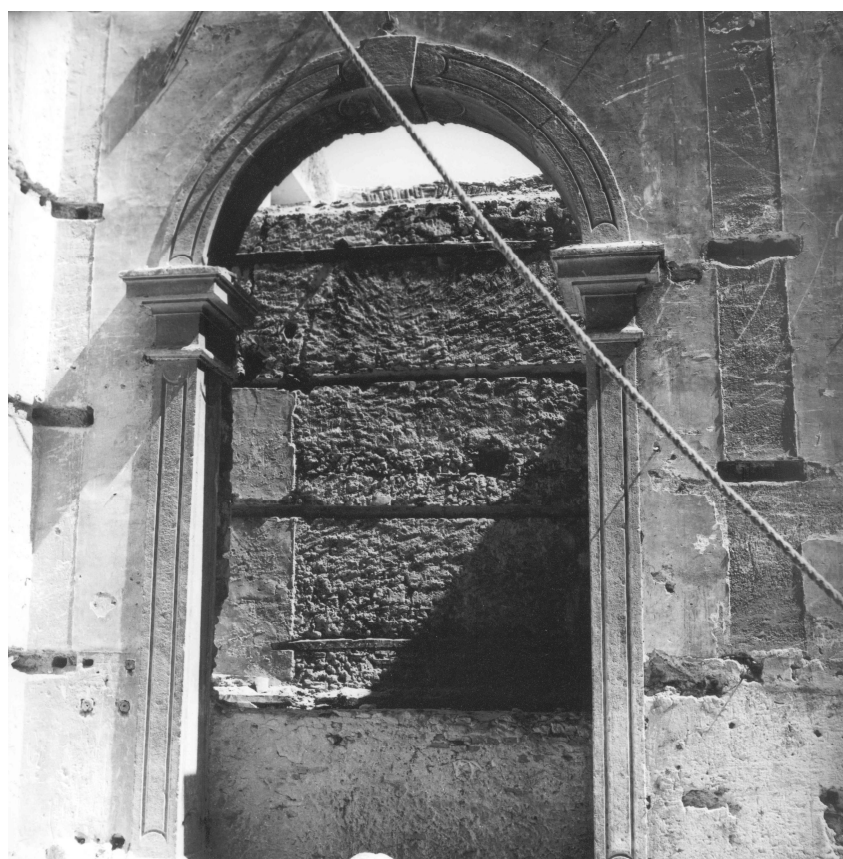


Fig. 10.

Da sua memória sobrevive apenas um antigo portal manuelino (reconstruído), que fazia parte da Ermida de S. Sebastião, que por sua vez, veio dar lugar à Igreja de S. Francisco. Está hoje colocado num edifício como montra, a alguns metros da sua localização original.



Fig. 11 ó O local da Igreja de S. Francisco depois da sua demolição e já com a Estação Telefónica Automática do Barreiro em funcionamento.

Ficha Técnica

Capa: A Igreja de S. Francisco no início da década de 1950.

Título: A desaparecida Igreja de S. Francisco

Textos e Investigação: Fernando Motta

Fontes:

Arquivo Municipal do Barreiro

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Biblioteca Nacional de Lisboa

Espólio Augusto Cabrita

Agradecimentos:

Um especial agradecimento a D. Maria Manuela Cabrita pela cedência de imagens da Igreja de S. Francisco captadas pela película de Augusto Cabrita